

Para Munhoz,

há 'paranóide' na economia

14 OUT 1986

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO



BRAZIL
SÃO PAULO

"Uma paranoíade completa." Assim, o professor Décio Garcia Munhoz (foto), da Universidade de Brasília (UnB), e ex-integrante do seletivo grupo de economistas que montou o primeiro plano de governo para Tancredo Neves, define a fase atual atravessada pelo Plano de governo para Tancredo Neves, define a fase atual atravessada pelo Plano Cruzado. Nessa paranoíade, o professor inclui o aumento das taxas de juros, a manutenção artificial do congelamento de preços, a camuflagem dos verdadeiros índices de inflação, e a concessão de subsídios governamentais aos cigarros. Munhoz diz que a economia, neste momento, está sendo completamente desestabilizada, e que tudo vai voltar a ser pior do que estava antes de 15 de março de 1985, quando o presidente José Sarney assumiu o governo.

Em entrevista a um semanário que circula em Brasília, o professor Munhoz chega a ridicularizar os argumentos do governo, de que estaria ocorrendo hoje um "excesso de demanda". Para ele, tudo isso não passa de uma mistificação, pois o Plano Cruzado está sendo claramente fulminado pela atual política econômica que, de tão irrealista, está liquidando a estabilidade.

Munhoz acusa o Plano Cruzado de ter reajustado pela média os salários, dando-lhes em seguida um aumento real de 8% que já foi comido pela inflação. O plano também impôs perdas a uma enorme camada de empresários, com a adoção de um congelamento de preços que pegou um grande número de empresas desprevenidas, às vésperas de um reajuste que não chegou a se concretizar. Deste erro do Plano Cruzado, surgiram as cobranças de ágio.

Dizer que há excesso de demanda na economia, segundo Munhoz, é uma maneira de desviar o assunto. Na verdade, afirma ele, o nível de emprego é muito alto, os salários são melhores desde o ano passado. O nível de produção e de consumo se elevou, isso é inegável, mas isso vinha desde antes do congelamento. O único fato novo, para Munhoz, "é que as empresas não estão estimuladas a produzir, preferindo aplicar no mercado financeiro". Neste momento, segundo Munhoz, o governo está transferindo cerca de US\$ 10 milhões dos assalariados para os banqueiros, através da promoção de aumentos das taxas de juros, que acarretam aumentos de custos para as empresas e maiores preços finais.

Décio Munhoz coloca em dúvida os dados oficiais da inflação, e prevê um futuro sombrio para o Plano Cruzado e para os assalariados: "Os órgãos pesquisadores da inflação, quando fazem o levantamento no atacado, enviam uma lista de preços para a indústria conceder as informações. É lógico que a empresa vai informar o preço constante da tabela, e não o preço cobrado".

"O Plano de Estabilização está atravessando um período muito difícil, conduzido de tal maneira a se autodesarticlar. Teremos salários decrescentes no futuro, reajustados pela média, cada vez mais baixa, que levam a um processo de concentração de renda e de tensões sociais inevitáveis." Para Décio Munhoz, é um absurdo que a Nova República venha com uma proposta de política social e implante exatamente o que foi feito pelo governo anterior.

Munhoz acha também uma loucura que o governo esteja gastando milhões para subsidiar os preços dos cigarros (via redução do IPI), numa hora em que se questiona subsídios como os concedidos ao leite e ao trigo. Isso, para ele, se traduz numa "paranoíade completa".